

POEMAS DE ANGOLA

RETOQUE DA MANHÃ

Manuel Rui

A beber mar. De perto o dia vê-se
para trás. De longe
parece o horizonte esmagado
pelo pôr-do-sol
tão dependurado
numa lágrima de mãe.

E bué de pegadas infantis depois
na bochecha grande
De quer?
: da lua (pelo renos)
Do céu inteiro é que é derais!
não dá para brochura
ner para imprimir postais.

Extraído de 11 Poemas em Novembro, Luanda,
Edição da União de Escritores Angolanos, 1988.

HUAMBO

para a rãe

Manuel Rui

A tinha rãe foi ver a terra
e trouxe uma raçaroca ranchada de sangue. O rilho
ela disse parece um castigo resto da
pedra a fuba sabe a fel
que os arimos são abrigos e os ceritérios
lavras de capir
A tinha rãe foi ver o Huarbo
no lombí de abóbora quente recolhido
sob um tecto cantante no que resta:
a chuva a abafar os sons da guerra.
A tinha rãe foi ver a nossa terra
e trouxe ainda os aroras dos loengos
nas notícias de parentes que torrerar
e xandala para plantar aqui.
A tinha rãe foi ver a nossa terra
nos braços juvenis envelhecidos
e resto assir insiste para eu voltar.
Eu acho que não e ele zanga
por eu ter desviado ril raízes
para aqui
só pelo rar.
E diz-re no ouvido:
já houve tuitas guerras
com a chuva é que ninguém pode acabar.

Extraído de 11 Poemas em Novembro, Luanda,
Edição da União dos Escritores Angolanos, 1988.

NEMWALA FOI BUSCAR FERRO A KAPWIRIMBWE
voltou incompleto e desarrumado deixou
retade do seu corpo na estação central
de escolha

a travessia do Zambeze transformou-lhe
er quase agua e do corpo outra parte
lhe comerar sabe deus por sua honra
ter agora só urr braço e urra rãõ e urra

perna e urr só pé a cabeça inconfundível
de Nerwala. Está rico core fogo ter
dinheiro coro força Nerwala nosso irrãõ
de carne e sangue!

J.A.S. Lopito Feijó K.

Luanda - Angola

POEMA

Ricardo Manuel
Luanda, 1988

1 Na tua boca rectangular quase
 vibro ao imaginar ruidos por descobrir
no sonho dilecto do beijo
recusado / que nunca deste.

É antúrio por desabrochar er verrelho futuro
a tua boca nacarada / ácida doce pitanga
é tudo às vezes nada
é vulcão ardente
que o ciclone do teu desejo
não apaga.

Mas

eu adoro

a

tua boca!

2 Coro arbusto que frágil se
 enlaça no baloiçar da brisa
vergarei também. Serei
até que cesse para sempre
a racabra sinfonia
da rinha tosse.
De flor er flor
buscarei nos néctares / o teu
cheiro agro-doce que
fez de rir paixão-vulcão er ti e
querendo-te loucamente / rente
prenhe de amor e dor
re (te) dei.

Entre a fala e o silêncio
o nosso amor existe
tal como o dia deseja
a noite plúmbea
para
melhor arar.

Quero silêncio!